

## OLHARES DOCENTES

### Educação como prática de resistência<sup>1</sup>

Carolina de Matos Silva



A educação é uma importante ferramenta para mudar as realidades de pessoas e do país, expor preconceitos e lutar contra eles. Por isso, a educação é tão poderosa. Baseando-me em Paulo Freire, no livro “Pedagogia do Oprimido” é principalmente através da educação que se torna possível mostrar ao oprimido as relações de poder, perpetuadas pelo seu opressor e, com este conhecimento rebelar-se e/ou buscar por mudanças. Além de mostrar ao opressor as situações que este impõe ao oprimido.

Com base no pensamento acima citado e no material do curso é possível perceber que a educação formal, ainda é em sua maioria eurocêntrica e que as disciplinas do currículo formal são excludentes. Porém, com a aprovação das leis 10.639 e 11.645, este cenário começa a mudar, mesmo sendo primeiramente nas escolas quilombolas.

No livro de Paulo Freire, as relações de poder são sustentadas tanto pelo oprimido que se mantém em seu papel servil e sem privilégios, quanto pelo opressor que para não perder privilégios, se mantém na função de oprimir e mandar. No entanto, estas relações são mantidas também dentro das escolas. Pois, o próprio currículo enaltece a cultura branca e eurocêntrica, sempre destinando os melhores atributos e qualidades a essas pessoas e em contrapartida, desfavorece o importante papel dos negros na sociedade, na economia e na história de construção do Brasil.

As leis citadas acima se colocam na contramão dessas relações. Porque obriga o ensino de História da África e relações étnico-raciais, em escolas de comunidades tradicionais. Assim, mostra como realmente ocorreu a escravidão e quais as consequências ela trouxe.

Sendo assim, a educação ainda se mantém como um aparato indispensável na luta a favor dos povos negros e do reconhecimento de sua cultura e luta, assim como

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito do Curso Educação Escolar Quilombola, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2018.

instrumento capaz de mudar as relações de poder perpetuadas na sociedade. Concluo que com o curso, foi possível aprender mais sobre a história dos negros e afro-brasileiros e também sobre como é organizada uma comunidade quilombola e como a educação se faz nelas. Por tanto, após a conclusão do curso, me sinto mais preparada para pensar em práticas que poderiam ser desenvolvidas em escolas dessas comunidades ou mesmo no ensino formal, visando beneficiá-las e valorizar seus conhecimentos, história de luta e resistência.